

DISCURSO ENTREGA DA TOGA DO STJ

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

Senhor Presidente,

O gesto que cativa, sob a liderança de Vossa Excelência, toma por inteiro os meus sentimentos de afeto e gratidão nessa passagem da minha vida.

Quando **William Faulkner** recebeu, em 1950, o prêmio Nobel correspondente a 1949, junto com **Bertrand Russell**, que mereceu a láurea maior do ano de entrega, **William Van O'Connor**, professor da Universidade da Califórnia, traçou uma comparação entre o vencedor e **Hemingway**. Tomou por base as célebres obras *As Palmeiras Selvagens* e *Adeus às Armas*, para mostrar que a história de amor de **Hemingway** é mais pungente e mais comovente do que a de **Faulkner**. Mas advertiu que o tudo pelo amor de **Faulkner** não é tão total quanto o de **Hemingway**. De fato, a paixão de Charlotte não é por **Wilbourne**, mas pelo amor, que é uma maneira de dar intensidade à sua própria vida. Para **Faulkner**, porém, a sociedade não mata o amor, eis que sabe que "*o amor, do mesmo modo que a luz do sol, não se encontra num só lugar, num momento determinado, ou num só corpo em toda terra ou em todas as épocas*".

É essa sensação de grandeza do amor que me invade o espírito neste momento, vivendo-o na síntese do meu ontem e na perspectiva do meu amanhecer, na melhor colheita de uma vida inteira.

O ser humano na sua dimensão social compreende o vigor do tempo. Sabe que o equilíbrio da construção biográfica está na possibilidade de reunir vários momentos com o igual sentimento de satisfação por tê-los passado e incorporado ao seu patrimônio vital.

A vida ensinou-me a registrar os trânsitos e a guardar carinhos; ensinou-me a não esquecer jamais o tempo que se foi para poder preservar o tempo que sempre vem depois; ensinou-me a conviver com o meu próximo, mais ou menos íntimo, sem falsear a minha natureza; ensinou-me a absorver para o meu trajeto só o necessário para guarnecer o cenário a percorrer; ensinou-me a render graças pela temperança das esquinas, que nunca renderam o meu caminho, nem mesmo nas trapaças do destino.

Nesta Corte vivi uma páscoa da minha vida pessoal e profissional. Sou grato por isso. Sei bem que muitos passam sem esse imenso favor na travessia. Por isso mesmo, posso fazer a reflexão da felicidade, na união entre os sonhos e as frustrações, agente de minha própria história.

O ser humano tem todos os dias na sua mente, aconchegada no manto de seu interior mais profundo, a presença das suas aspirações. São elas que dão o sinal mais forte na aventura humana; são a virtude e o vício; são a sintonia do homem com a humanidade; são a grandeza do amor e a mediocridade da inveja; são a força da vitória e a fraqueza da derrota; são o contraste entre a realidade e a aparência; são o instrumento para medir a alegria e a tristeza.

Ninguém sobrevive fora das suas aspirações, nem consegue conviver sem compará-las, ao longo do caminho, com o passado já percorrido e com o futuro a percorrer. Quanto mais passado sem aspirações conquistadas, menos futuro para conquistá-las; quanto menos futuro, mais angústias pelo tempo disponível menor para realizá-las; quanto menos tempo disponível, mais tristeza pelo tempo perdido sem alcançá-las.

Feliz é o homem que torna compatível as suas aspirações com a realidade, sem cobranças, sem débitos nem créditos com a vida,

sobranceiro para seguir adiante, deixando mágoas expulsas, cultivando bem-aventuranças maiores, lacrando a memória com a beleza do mundo.

Somente dentro de nós próprios encontramos a razão de enfrentar a realidade da vida para transformar cada escolha feita em êxtase iluminado, ainda que o resultado obtido não tenha sido exatamente o desejado. Essa razão é condutora do nosso agir e, portanto, deve ser o moinho que afasta a desolação e cria a energia do novo começo. E aqui está a fé. Sem ela, anotou Fernando Pessoa, não temos esperança, e sem esperança não temos propriamente vida.

Nós temos guardados os nossos temores e expostos os nossos melhores valores. Com isso podemos acumular coragem, afastando medos e tentações. A nossa jornada é repleta de esperanças porque conhecemos o risco de deixar espaços vazios para o desafio do tempo que virá. Para livrar nossa mente do que escoltamos como feridas no coração, seguimos sempre em frente, olhando o firmamento adiante, acendendo novos cenários, mudando rápido do passado para o presente, vivendo-o intensamente, como força para novos avanços. Como poupamos segredos, que tantos males às vezes nos fazem, devemos esbanjar crenças, lapidando sorrisos, companheiros para a construção da felicidade.

Ao contemplar a minha vida aqui chegada, no topo do meu maior espaço para conferir a paisagem do meu estado de alma, tenho a vera sensação, como nos versos de **Fernando Pessoa**, em *Em busca da Beleza*, de que

Da perfeição segui em vã conquista,

Mas vi depressa, já sem a alma acesa,

Que a própria idéia em nós dessa beleza

Um infinito de nós mesmos dista.

Do berço nascido, distante e tão perto, tenho tantos carinhos guardados que não me parece sumido da vida; do berço construído, presente e tão grande, tenho Wanda, igual na altura dos sonhos, na unidade tantas vezes feita, espantando sombras para viver nos domínios da luz, com o sabor das devoções respeitadas, no rasgo teimoso do estar infinito, e Luciana, Carlos Alberto e Carlos Gustavo, lealdades de sangue geradas, únicas de tal vigor, que só com elas confundo as minhas aspirações, revejo os meus andares, construo os meus sonhos e nelas projeto toda a minha felicidade vivida.

Tenho, nesta sessão solene, que só a generosidade dos meus pares poderia oferecer, a sensação de ter navegado em segurança e, enfim, chegado a um porto, sem ser ainda velha a hora. Porto de atracação fortalecido pelos que me ajudaram a manter o norte. Daí o balanço final que revela compatível a relação entre as aspirações e a realidade, no ponto exato até onde pode ser o homem feliz.

São muitos e muitos, alguns ficaram no caminho, preservados nas lágrimas do meu coração, outros presentes, alinhados no mesmo coração, compensando com mais sorrisos a graça de tê-los, sorrisos e lágrimas, invadindo os meus sentires para dizer-lhes, modestos ou poderosos, que sou, como eles, grato por ter vivido no mesmo pacto com a natureza.

Dos meus pares, os afagos recebidos são luzes do espírito, sinal fraterno de almas irmãs que buscam o mesmo destino; dos serventuários, o enlevo dos muitos afetos são bafejos do melhor do ser, que recolho contrito para seguir o caminho.

As palavras do Desembargador **Ellis Figueira** representam o excesso da fraternidade, recebidas sob o abrigo das amizades infinitas, na cumplicidade dos mesmos anelos, e estimulam a nobreza do contacto humano na enorme dimensão da bondade.

A gentileza do eminente Procurador de Justiça, Dr. **Luiz Carlos Maranhão**, tem um sentido precioso para o meu espírito, que acolho com o encanto de uma renovada amizade, lastreada na admiração por sua exemplar vida.

O Dr. **Celso Fontenele**, Presidente da Seção da OAB, deu um testemunho de emoção que toma conta do meu ser por inteiro, na compreensão cristã de que somos todos tolerantes sob as bênçãos de Deus.

Quem pode ter a consciência da responsabilidade por seu próprio destino, sabe que não somos apenas o que queremos ser, mas, sempre, o que podemos ser por nossa vontade, por nossa decisão.

Pontes de Madison, esse filme de incrível beleza humana, que põe a descoberto a dura luta entre o amor e a realidade, entre a paixão e a virtude, entre a pureza e o instinto, entre a razão e o impulso, entre a razão e a própria razão, permite que Francesca diga ao seu amor escondido, sangrando sem fim nos escaninhos de suas dúvidas, presente o conflito entre o que é e o que pode ser, que todos nós um dia vivemos, ou podemos viver, marcando pesares ou fazendo altares: "Somos as escolhas que fizemos".

Recebendo desta Corte as vestes talares que usarei na mais alta Corte Federal, o Superior Tribunal de Justiça, posso assumir que as minhas escolhas foram o timbre da minha vida, certas ou erradas, caminhante solitário nessas passagens, com louvores e penhores, na única síntese possível dos que chegam vividos, felizes, ao planalto da biografia.

Muito obrigado.